

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☒

Nº. de referência: 3 556

Título: "PIQUILLO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): DUMAS, ALEXANDRE

Adaptador: SILVA, MARIA PEREIRA

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 11/10/1976

Data de Emissão: 18/10/1976

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
CANTO E CASTRO	
MÁRIO SARGEDAS	PAEZ
LIA GAMA	SILVIA
ANTONIO MARQUES	FABRÍCIO
" MONTEZ	MENDONCE
GUINDA MARIA	LEONOR
LUIS ALBERTO	PIQUILLO
LUIS PINHÃO	ALCAIDE

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒ Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Handwritten signature

(V.S.F.F.)

⇒

Notas:

- DIR ARTÍSTICA - CANTO E CASTA

Indexação: - TEATRO RADIFONICO



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa

Miniteatro "Esquillo de Dumas"

Referência

N.º/R.P.L.

N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas

da gravação 18 de Outubro
da 1.ª emissão de

de 1976 às 9,15 horas.

de 19 Programa

Director artístico

Amato e Castro

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Mário Lagedas	Fale	Amato e Castro
Isia Garcia	Libria	Ma Faria
António Marques	Fabrisio	Amato e Castro
António Monte	Mendocel	Monte
Quida Maria	Leonor	Quida Maria
Luis Alberto	Esquillo	Amato e Castro
Luis Cunha	Alcides	Amato e Castro

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Amorizador Rui Leitão

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 18 de Outubro de 1976

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA 4º 220	PROGRAMA _____
DATA DE ENTREGA 11/11/16	EMIÇÃO DE ____/____/____
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	____ HORAS
A GRAVAR EM 18/10/16	VISTO
HORA 10,30	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

PIQUILLO

de

ELEXANDRE DUMAS

Tradução e adaptação de Maria Pereira da Silva

Direcção de... Paulo e Castro.

Personagens e intérpretes:

Paez..... Máximo Sarzedas
 Silvia..... Lia Gama
 Fabrício.... António Monteiro
 Mendonça..... " Monteiro
 Leonor..... Guida Maria
 Piquillo..... Luís Alberto
 Alcaide..... Luís Pinhas

Música de Albeniz

Mo/

Piquillo de Alexandre Dumas

Abertura (Sevilha, de Albeniz)

(Vozes, gargalhadas)

PAEZ - Silêncio, por favor! Silêncio!

SÍLVIA - O que se passa?

PAEZ - Estou a ver uma sombra... Quem poderá ser ?

SÍLVIA - Não é difícil adivinhar: a esta hora da noite, na rua... só os apaixonados ou os gatunos.

PAEZ - Apaixonado ou ladrão, hei-de saber quem é. (som de passos)

FABRÍCIO - O que pretendem, senhores?

PAEZ - Ah! Se não me enganar... O que dizes, Silvia?

SÍLVIA - ...que se for tão amável como é belo e nobre, segundo aparenta, dá vontade de o abraçar. Oh! Atirei-lhe com o chapéu!...
(ri)

TODOS - D. Fabrício de Oliveira!

PAEZ - Então não morreste ?

FABRÍCIO - Bem vêes que não. (ri)

Mo/

PAEZ - Não foste ferido ?

FABRÍCIO- Foi, mas já estou curado.

PAEZ - Já percebo que tens vontade de levar outra espadeirada, aqui em Sevilha...

FABRÍCIO-Não. Ando em viagem. Negócios particulares...

SILVIA - A esta hora, num sítio destes, só quem pretende a bolsa alheia ou a filha de algum vizinho.

PAEZ - Ah! Ah! Ah! Traz um bandolim escondido debaixo da capa!

SILVIA - (Rindo) Não restam dúvidas. Aí está a prova do crime.

FABRÍCIO- Pois bem! Confesso que estou apaixonado.

SILVIA - Apaixonado?!...

FABRÍCIO-É verdade. Morava defronte de mim, uma senhora dos arredores de Burgos, que vivia em Madrid com uma tia já idosa. Por mais que tentasse, nunca consegui falar-lhe. Além disso, as criadas eram mudas. Parecia uma casa misteriosa.

SILVIA - Pobre marquês!

FABRÍCIO- Há mais de dois meses que seguia a bela desconhecida no teatro, na rua, na igreja...e comecei a perceber que também não lhe era indiferente..

SILVIA - Bravo!

FABRÍCIO- Então, decidi dar mais um passo: Fiz-lhe uma serenata.

PAEZ - Só ao fim de dois meses é que te decidiste ?

Mo/

SÍLVIA- Não interrompas, Paez, senão nunca mais chegamos ao fim.

FABRICIO- Já chegámos. Mal me tinha instalado debaixo das janelas da minha amada, um homem ou um demónio, chega a cavalo, apeia-se e começa à espadadeira aos músicos. Eles fogem, eu tiro a capa e provo-o insolente; à terceira estocada, fere-me, como vocês ouviram dizem.

PAEZ - É quem era ele?

FABRICIO- Pensas que tive tempo de lhe perguntar? Atravessou-me com a espada, caí e só fui encontrado na manhã seguinte. Levaram-me para casa; o meu pai ficou desesperado pela vergonha para o nome que usou. Passados três dias, recuperei os sentidos. Soube que o meu pai, como primeiro ministro, andava a perseguir o meu desconhecido. Por mais que lhe dissesse que ele se tinha batido como cavalheiro e não como assassino, não quis ouvir nada. Felizmente, o meu homem já não estava em Madrid.

SÍLVIA - Tinha fugido ?

FABRICIO- Naquela mesma noite. O pior foi ter trazido a Leonor.

PAEZ - A tua amada ?

FABRICIO- Sim. Escusado será dizer que, mal me pus bem, consegui descobrir-lhe as pégadas; enquanto o meu pai, inutilmente o procurava na Galiza, eu vim encontrá-lo em Sevilha.

SÍLVIA - Quando ?

FABRICIO- Ontem à noite. Como vêem, não perdi tempo. Já esta noite comecei a rondar.

PAEZ - O quê ? Ela?...

FABRICIO- Mora ali, naquela casa.

M/

PAEZ - Mas ali, só vive D.Diego.

SILVIA- Conhece-lo ?

FABRICIO-(após breve hesitação) - Talvez...Vocês dizem que se chama D. Diego ?... Um sábio, anacoreta, que só medita e escreve?

PAEZ - Exactamente.

FABRICIO- E mora naquela casa ?

PAEZ - Naturalmente, essa Leonor é mulher dele,...

SILVIA - (à parte) é casado ?...

FABRICIO- Ela é casada ?

PAEZ - Casadíssima! A casa em que moram é do meu tio.

FABRICIO- CASADA!

PAEZ - Por um lado é bom: se quisesse, podia raptá-la sem seres obrigado a casar.

FABRICIO- Só queria falar-lhe, mas...como afastar o marido ?

SILVIA - Façam o que eu disser. Finjam atacar-me para me roubar; eu grito. É natural que ele venha acudir, e aproveitas para falar à Leonor. Vá ! (seguido de gritos) - Socorro! Socorro! Ladrões! (baixo) Fugam! (alto) Socorro! Ladrões!
(som de abrir de janela)

MENDONCE-Estão a pedir socorro...é voz de mulher. (grita) onde está? Não a vejo...A noite está tão escura!

SILVIA- Aqui! (implora) Tenha dó de mim, senhor! (som de passos correndo)

MENDONCE- Pronto! Cá estou! Consinta que a ampare...(chama) Leonor!
Mo/

SILVIA- (À parte) É ele...aquele que eu amo...

LEONOR - Ah! Que imprudência! Sózinha a estas horas...Os bandidos podem rondar na sombra.

MENDOCE- Hei-de defendê-la. Entra, Leonor, que eu deixei a janela aberta. Eu acompanho a senhora a casa. Aceite o meu braço, minha senhora!

SILVIA - Senhor, permita que lhe confie o colar e as pulseiras, que amanhã mande buscar.

MENDOCE - Leva isto, Leonor, que eu volto já. Vamos, minha senhora!
(Passos que se afastam)

PIQUILLO- Ora esta! Aqueles diabos vieram armar a barraca mesmo ao pé da árvore onde eu te tinha escondido para escapar ao alcaide. Ao mesmo tempo, foi bom. Pude presenciar a entrega de umas jóias...que não-de vir parar-me às mãos. Se eu soubesse quem era a dona, apresentava-me em casa dela, mas não consegui ver-lhe o rosto...Contudo, hei-de ver se descobro quem é ela. Olá...! Eles deixaram aqui um bandolim...(som de passos e vozes, que se afastam) Já lá vão! Bravo, Piquillo! Agora, mãos à obra! Vamos às jóias!

-SEPARADOR-

MENDOCE- Minha senhora, venho entregar-lhe as jóias que ontem me confiou.

SILVIA - Perdão, senhor, mas este estojó não é meu, e o colar ainda é superior. A sua casa tem o dom de transformar pérolas em brilhantes... Agradeço, mas não aceito.

MENDOCE - Não é um presente, minha senhora, é uma restituição. Enquanto a vim acompanhar, os bandidos entraram-me em casa.

SILVIA- E roubaram-no ?

Mo/

MENDOCE- Roubram as suas jóias.

SILVIA - É uma aventura difícil de acreditar.

MENDOCE- Juro que é a verdade.

SILVIA - Contudo, falar em jóias perdidas a quem perdia a vida sem o seu precioso auxílio...Essa história é insensata. Não valia mais dizer-me que aventura o obrigou a esquecer o nome que usava em Burgos ?

MENDOCE- Como sabe ?

SILVIA -Não se lembra, senhor Mendoce de, na estrada de Burgos a Barcelona, antes de chegar a Saragoça, a sua carruagem ter tido uma avaria ?

MENDOCE -Sim...Bati com a cabeça num rochedo e perdi os sentidos.

SILVIA - Quando voltou a si, estava ferido, num leito...

MENDOCE- Quando abri os olhos, pelo véu que ainda me cobria as pálperas vi uma jovem que espiava o meu regresso à vida...Julguei que era um anjo para me conduzir ao Céu...Estendi os braços, tentei erguer-me e tornei a desmaiar. Quando recuperei os sentidos, a jovem tinha desaparecido. Ninguém me explicou como ali tinha ido parar...a não ser...

SILVIA - ...que essa mulher o encontrara moribundo e o trouxe no seu carro para Tudela. Dois dias e duas noites esperou que despertasse...Depois partiu sem dizer quem era.

MENDOCE- Era a senhora? Oh! O meu coração já a tinha reconhecido. Não foi antes a primeira vez que a vi e que essa voz tão meiga fez bater o meu coração com mais violência.

SILVIA - Perdão, senhor, mas entre todas essas recordações, há uma que parece esquecer e que devo lembrar-lhe: a sua esposa, tão formo-

mosa que não merece essa injúria.

MENDOCE- A Leonor? Ah! Se soubesse ...se eu pudesse dizer-lhe...Mas não é impossível!

SILVIA - Não insisto. Os seus segredos pertencem-lhe.

MENDOCE- Os meus segredos estão no exílio. A senhora não precisa esconder-se, mudar de nome; não tem motivo para me ocultar quem é.

SILVIA - A minha vida é menos misteriosa que a sua, senhor. Viúva aos vinte e dois anos, rica...

MENDOCE- Que importância tem isso?

SILVIA - Com certos atractivos....

MENDOCE - Encantadora! (pauadas na porta; falas indistintas de fora)

SILVIA - O que dizes Paqueta ? (ruído de abrir porta) Um cavalheiro de liteira ?...Ah! Não estou para ninguém (som de fechar porta) Pois como ia dizendo...romântica em excesso, moderna, indiferente, frívola...não tendo ainda amado, nem querendo amar... encontrando-o por acaso e não querendo tornar a vê-lo...Vou fechar-me no meu quarto e não estou para ninguém. (passos, ruído de porta que se abre e fecha)

MENDOCE -Estou certo que me ama e tem ciúmes. Se eu pudesse dizer-lhe a verdade!...Mas uma só palavra podia fazer com que nos descobrissem. Tenho esperança de um dia poder...(vozes que se aproximam) Apesar das ordens dela, não alguém entrar.

PIQUILLO-(entrando) Já me disseste que a senhora não recebe ninguém, mas estás enganada, minha menina! Ela recebeu este senhor. Vai dizer-lhe que está aqui D. Alfonso Cliferno Y Fuentes Y Badajoz Y Riales...Cavalheiro, vejo que ambos pretendemos o mesmo objecto.

MENDOCE- O senhor está enganado. Mal conhece esta senhora, e o cavaleiro deve ter direitos mais antigos.

PIQUILLO- Não se fala em direitos. Os seus são evidentes, visto já aqui se encontrar.

MENDOCE- Vou retirar-me.

PIQUILLO- Se me cede o lugar, ou é um admirador frio, ou um visitante tímido. Agradeço a sua indiferença ou cortesia.

MENDOCE- Quer ter a gentileza de entregar da minha parte, à senhora D. Sílvia, este colar... e dizer-lhe que não tornará a ~~ver~~-me?

PIQUILLO- Confia-me este colar ?

MENDOCE- Não é fidalgo e amigo da casa ?

PIQUILLO- Sem dúvida... Onde o roubou ?

MENDOCE- Senhor!...

PIQUILLO- Perdão! É um modo de falar habitual. Então, confia-me?

MENDOCE- Se quiser encarregar-se...

PIQUILLO- Da parte de quem? (com certeza)

MENDOCE- De D. Diego, que sai hoje de Sevilha.

SEPARADOR

SILVIA- Senhor...

PIQUILLO- D. Alfonso Oliferno y Fuentes y Badajoz y Riales, 3º. filho do vice-rei do México. Que tal acha este brilhante da minha espada ?

SILVIA - Maravilhosa, se for autêntico.
Mo/

PIQUILLO- O meu pai põe iguais nos arreios dos cavalos. Eu uso-o para humilhar os nobres deste país. Agora, que conhece o seu adorador, permita que se declare pretendente aos seus encantos... se teve a sorte de ser o primeiro.

SILVIA- Já há um inscrito.

PIQUILLO- Para muito tempo ?

SILVIA - Para sempre.

PIQUILLO-Um capricho?

SILVIA - Um amor, ou mais ainda: Uma paixão.

PIQUILLO-Nada a esperar ?

SILVIA - Absolutamente nada.

PIQUILLO- Em nome das Musas e das Sereias, peço-lhe que me deixe ouvir o som dessa voz deliciosa, de que a Espanha diz maravilhas, e o meu país inveja ao seu.

SILVIA - Desculpe, mas não estou em voz.

PIQUILLO- Tudo se remedeia. Tenho um talismã: volte a cabeça e estenda o braço. Assim que vir esta pulseira, a voz volta.

SILVIA -(à parte) - É a minha. Como foram parar-lhe às mãos as jóias que roubaram ontem ?!...

PIQUILLO- Está melhor ?

SILVIA - Um pouco, mas para a cura ser completa, precisava de outra também.

PIQUILLO- Com certeza! Aqui a tem!

Mn/

SÍLVIA- Que lindas jóias! Aqui a tem!

PIQUILLO- Mandei-as fazer para si, mas só lhe dou esta depois de a ouvir cantar.

SÍLVIA - Paquita! Traz a minha guitarra! (outro tom) Vou cantar a balada " A mulher do bandido". Sabe o que lhe aconteceu? ao marido ?

PIQUILLO- Morreu ?

SÍLVIA - Não; foi preso (pause) Estou à espera da visita do senhor alcaide. Terei muito gosto em lhe apresentar o senhor D.Alfonso Cliferno y Fuentes y...

PIQUILLO- Badajoz y Rios.

SÍLVIA - Segundo ou terceiro filho do vice-rei do México e que, por felicidade descobriu o ladrão das jóias que eu tinha deixado em casa de D. Diego. Que sorte!

PIQUILLO- Como as coisas acontecem!

SÍLVIA - Claro que o senhor D. Cliferno também devia ter visto um colar.

PIQUILLO-Um colar ? Não creio...

SÍLVIA -Veja se se recorda!

PIQUILLO- Com efeito...tinha-me esquecido. Está aqui no meu bolso.

SÍLVIA -Pelo que vejo, o tal maroto tem paixão pelas jóias.

PIQUILLO-É um facto, minha senhora. Adoro-as.

SÍLVIA -Mas quando se vê em perigo...

Mn/

PIQUILLO- Separa-se delas.

SILVIA - (intencional) Com dificuldade. Parece-me que o senhor deve ter tido muito trabalho para lhe apanhar o colar.

PIQUILLO- MINHA senhora, ele fez-me uma confissão que me comoveu: está apaixonado por uma dama da alta sociedade e não podia apresentar-se em casa dela com o fato que usa sempre. Trocou o colar por um fato da última moda...

SILVIA - No género desse seu ?

PIQUILLO- Por isso, pensei que sua bondade não a levava a exigir...

SILVIA - Evidentemente. Como se chama esse maroto ?

PIQUILLO- Não quis dizer o nome ?

SILVIA - Sem dúvida adivinhou. Não será um tal Piquillo ?

PIQUILLO- Sim...creio que...com efeito era ele. A senhora conhece-o?

SILVIA - De reputação. Já que esteve em contacto com ele, pode dar-me os seus sinais.

PIQUILLO- É difícil...Vi-o de noite...Não me recordo bem.

SILVIA - Posso ajudá-lo, senhor.

PIQUILLO- Muito obrigado, mas é inútil. Já estou a lembrar-me...

-SEPARADOR-

FABRÍCIO- Então, Sílvia? Não esqueças os meus interesses para te ocupares dos teus.

SILVIA - Não são os mesmos ?

Mo/

FABRÍCIO- Mas eu estou apaixonado.

SILVIA - E eu amo.

FABRÍCIO- Sério ? Aquele homem em 24 horas conseguiu o que o Henrique e o Paez não conseguiram em 6 meses ?

SILVIA - Eu conheço D. Diego há muito tempo. Como parece estar sob a influência de um amor sincero, posso abrir-te o meu coração, fechado aos olhares daqueles doidivas. Vi D. Diego há muito tempo, amo-o e esse amor é que fez renunciar à vida de prazer que levava em Madrid. Por acaso, encontrei-o agora aqui em Sevilha, e uma esperança entrou no meu coração: Fazer-me amar. Com a aparência de te servir, pude pôr em execução o meu projecto. Sou a mais feliz e a mais desditosa das mulheres. Não posso pertencer-lhe e percebo que sou amada.

FABRÍCIO-Pobre Sílvia! Ele vai deixar Sevilha. Tinhas prometido afastá-lo para eu falar à Leonor e eu, como sou grato, faço o contrário. Tenho seis homens embuscados para a raptarem, mas recomendei que tenham com ele a maior consideração.

LEONOR - (aflita). - Meu Deus, protege-o! Vou meter-me entre ele e os assassinos .

FABRÍCIO- Estás louca! Não são assassinos. Bem, o que vencer, previne o outro.

-SEPARADOR-

MENDOCE- Apesar da promessa de não tornar a vê-la, tenho que pedir-lhe uma explicação. É a única pessoa que me pode dar. Entre os bandidos que levaram a Leonor, reconheci um homem que encontrei aqui esta manhã. Por favor, diga-me o seu nome! Onde posso ir procurar esse homem?

SILVIA - Não sei. Juro que o vi pela primeira vez. Pensa que é Piquillo

Mo/

MENDOCE- Ele disse que conhecia. Veja que não se trata do meu louco amor por si, mas da minha irmã.

SILVIA - Leonor é sua irmã? Ah! se me tem dito... Bem, deve, conhecer o meu crime! Fiz ontem uma aposta louca: conseguir o seu amor, e agora... D. Fabrício acaba de sair daqui. Prometo, senhor, que dentro de uma hora a sua irmã estará junto de si. Vou buscá-la.

MENDOCE - Vou também. Não posso esperar.

SILVIA - Fique! Se eu não a trouxer, castigue-me com o seu ódio.

-SEPARADOR-

(pancadas na porta)

SILVIA - Abra!

PIQUILLO- (dentro) Diga quem é.

SILVIA - Acho preferível dizer-lhe com quem estou a falar.

PIQUILLO- Então, diga!

SILVIA - Bem Piquillo.

PIQUILLO- (abre a porta) Ah! É a senhora?

SILVIA - D. Fabrício ainda não chegou ?

PIQUILLO- Ainda não.

SILVIA - Onde está a Leonor ?

PIQUILLO- Naquela sala. A senhora era do "complot"

SILVIA - (abrindo a porta) Saia, minha senhora !

Mo/

LEONOR - Vem acudir-me ? Deus a abençoe! Onde está o meu irmão?

SILVIA - Na minha casa à sua espera. Não há tempo a perder. O senhor vá acompanhá-la à liteira que está à porta com os meus criados.

PIQUILLO -Mas...

SILVIA - Depressa! Já foram buscar o alcaide.

LEONOR - Como agradecer-lhe ?

SILVIA - Vá depressa, minha senhora!

PIQUILLO- E a senhora ?

SILVIA -Fico no lugar dela.

PIQUILLO-Faz de mim tudo o que quer...(passos que se afastam)

SILVIA -Salvei-a. Cumpro a minha palavra. Mendace não tem que me consurar . Na ausência que vai searar-nos, espero que não me amaldiçoe. (vozes que se aproximam) Que Deus nos valha! Estou a ouvir Fabrício...e Piquillo. Vou fechar-me na sala. (ruído de porta)

FABRICIO-E Leonor ?

PIQUILLO-Está ali fechada. Agora, temos umas continhas...

FABRICIO-Volta logo à noite.

PIQUILLO-Se pudesse agora...Gostava de sair de Sevilha. Começo a ter má fama...

FABRICIO-O dinheiro está naquela bolsa. Boa viagem! (vozes que se aproximam)

PIQUILLO- Estamos apanhados, sr. Fabricio. Devem ser os aguazis...Salve-me! Diga que sou seu criado!

ALCAIDE- Julguei não o apanhar em casa, senhor D. Fabricio.

FABRICIO-Muito prazer em vê-lo, sr. alcaide, mas ia mesmo agora sair. Pedro, dá-me a capa!

PIQUILLO- Vou já buscá-la, senhor.

ALCAIDE -Que pena ter chegado nesta ocasião! Com que então, amores não é verdade?

FABRICIO- Depois da guerra, a melhor ocupação para um espanhol não é o amor ?

ALCAIDE- Bem respondido! Pelo que percebo, os pais recusaram e houve pequeno rapto?

FABRICIO- Senhor Alcaide!

ALCAIDE - Protejo sempre os casamentos de amor, Creio que ama de veras..

FABRICIO-...mas sem esperança, pois creio que essa mulher é casada.

ALCAIDE - Oh, diabo! (som de porta que se abre)

SILVIA - Estás enganado, Fabrício. Ela é livre.

FABRICIO- Tu, aqui? Mas que mistério é este?

SILVIA - Bem sei que não era a mim que esperavas...

ALCAIDE - As coisas estão a complicar-se. Deve cumprir a Lei. Citem este parágrafo; "Quem raptar uma donzela ou viúva tem que a desposar ou ceder-lhe todos os bens,

PIQUILLO Senhor Marquês, aqui está a sua capa! (corre)

ALCAIDE - (Grita)- Não deixem passar esse homem!

FABRICIO - Senhor Alcaide, é o meu cúmplice! Piquillo.

ALCAIDE - Finalmente, tudo se explica

PIQUILLO - Senhor D.Fabricio, se se recusa a casar, eu cumprio a lei.

ALCAIDE - Eles têm um quarto de hora para casarem e tu para seres enforcado,

SILVIA - Senhor Alcaide, espero que o tempo há-de acalmar essa cólera.

ALCAIDE - Já disse e repito: um quarto de hora, Volta já, (passos que se afastam)

PIQUILLO - Senhor, há aqui qualquer coisa que não compreendo. Fechei D, Leonor na sala e aparece a D.Silvia. Há equívoco, com certeza.

FABRÍCIO - Não estás em bons lençóis. Eu posso casar e não viver com a mulher, mas tu tens de morrer com a corda ao pescoço.

PIQUILLO - O casamento ainda não se realizou, por falta de consentimento de uma das partes, e eu posso esquivar-me, pondo o pescoço a grande distância da corda,

FABRÍCIO - Se tens meio de te livrar, por que não aproveitas já?

PIQUILLO - Tenho por princípio fazer as coisas no momento próprio... Tenho o tempo preciso para inventariar umas coisas. É preciso fechar a porta por dentro. (sem de fechar à chave). Consegui cortar a algibeira do alcaide e tirei o que vamos ver: um relógio...

FABRÍCIO - O meu relógio!

PIQUILLO - Talvez... Naturalmente, emprestou-me sem dar por isso, e eu esqueço-me de devolver o que me emprestam...

FABRÍCIO - Ladrão!

PIQUILLO - Vamos lá continuar: 1 bolsa; diplomas honoríficos, por serviços prestados; lista de roubos de Piquillo em Madrid, Toledo, Segóvia, Saragoça, Irum, Barcelona... Uma carta de S. Magestade, com o carimbo real. Vejamos de que se trata! O Snr. Zambulos mandará procurar em Sevilha e arredores de Burgos um jovem que se oculta sob o nome de D. Diogo.

FABRICIO - O que disseste?

PIQUILLO - O que aqui está escrito.

FABRICIO - Continua!

PUQUILLO - ... para mais facilidade, sabe-se que o fugitivo, cujo verdadeiro nome é Carlos de Mendoce, vive com uma irmã.

FABRICIO - (radiante) - Leonor é irmã dele? Lê depressa o resto!

PIQUILLO - Se tem pressa, leia o senhor,

FABRICIO - (lendo) - "O alcaide preveni-lo-à que, por carta de D. Fabricio Olivarés, lhe concedemos graça e pode voltar a Madrid. "Leonor é irmã dele! Ai, Piquillo, que bela ideia teres roubado a algibeira do alcaide!

PIQUILLO - Tenho feito isso a muitos, mas nem sempre me saio bem.

SEPARADOR

(pancadas na porta)

FABRICIO - Será já o alcaide? Vou abrir (sem de abrir a porta) Ah! D. Diogo?!... Não o esperava tão cedo, D. Carlos de Mendoce!

MENDOCÉ - Sabe o meu nome?

FABRICIO - Amo a sua irmã. Nada tem a esconder. Está aqui uma carta do rei autorizando-a voltar a Madrid. As loucuras de que me acusa são prova do muito amor que tenho a sua irmã. Em vez de me julgar como inimigo, chame-me irmão,

MENDOCE - Como há-de o marquês de Olivarés obter do pai, duque e ministro, autorização para se aliar a um obscuro fidalgo?

FABRICIO - Tenho a do rei

MENDOCE - E a Lei que o condena a casar com Silvia

FABRICIO - Livrou-me disso, abandonando a fortuna.

MENDOCE - Faz esse sacrificio por amor à minha irmã?

FABRICIO - Convém-lhe para hunhado um marquês arruinado, mas com esperança no futuro?

MENDOCE - Fabrício, Leonor tem algum rendimento, e será sua esposa,

SILVIA - E quem-lhe diz que Silvia não é tão orgulhosa que ambicione a fortuna, ou tão vil que aceite um marido imposto?

FABRICIO e MENDOCE - Silvia!

SILVIA - Como prometi, aqui tem a sua irmã.

FABRICIO - Leonor, o seu irmão já me perdoou.

LEONOR - Se ele dá o exemplo, não serei eu mais severa.

SEPARADOR

ALCAIDE - O quarto de hora já lá vai. Decidiram casar?

FABRICIO - Sim, senhor Alcaide.

SILVIA - Há casamento, mas com substituição da noiva. Cedo os meus direitos a D. Leonor, irmã de D. Diego.

MENDOCE - Agora já posso usar o meu verdadeiro nome: Carlos de Mendace.

ALCAIDE - Onde está o meu prisioneiro?

FABRICIO - Ah! Fugiu...

ALCAIDE - Bei-de apanhá-lo! Mas.. onde pode estar uma carta do rei, que trazia na algibeira?

PIQUILLO - (entrando) - É esta carta que procura, irmão?

ALCAIDE - Quem é este frade? Como pode ter a carta?

PIQUILLO - Foi-me entregue por um grande pecador, que teve artes de se livrar das mãos do tão hábil alcaide.

ALCAIDE - Ca!

PIQUILLO - Esta algibeira contém os seus títulos de nobreza e, como um alcaide hábil não se deixa assim ludibriar, Piquillo encarregou-me de lhes dar em troca de um salvo-conduto,

ALCAIDE - Para quê.

PIQUILLO - Está arrependido e quer torna-se um homem honesto.

ALCAIDE - Eu também tinha uma bolsa...

PIQUILLO - Também aqui está. O dinheiro deu-me para missas pela sua conversão.

ALCAIDE - E a carta para o Snr.Mendace? E a lista dos roubos?

PIQUILLO - Já chegaram ao seu destino.

ALCAIDE - Diabos me levem se percebe isto! Pronto, aqui tem o salvo-conduto.

PIQUILLO - Obrigado meu Alcaide

ALCAIDE - O frade é Piquillo! Leve isso, mas não torne a aparecer na minha frente!